

PsittaScene Vol 30, n. 1, Primavera 2018

Traduzido por André Becker Saidenberg

Sumário

- 4 Mensagem da Presidente Wpt - Alison Hales
- 5 Reuniões da África – Sucessos e planos futuros para proteger algumas das espécies de psitacídeo mais ameaçadas de extinção
- 10 Araras-azuis: - Conservação em um paraíso para psitacídeos
- 16 Espécie em foco: - Amazona de nuca-amarela
- 18 Papagaios-do-Condo das Sseses – Lago Vitória, Uganda
- 22 PsittaNews, índice das edições da PsittaScene 2017, Contatos do WPT
- 24 Psitacídeos na natureza - *Pyrilia pyrilia*

Nas capas

Um Amazona de nuca amarela (*Amazona auropalliata*) cuidadosamente observando o fotógrafo. Foto© J Gilardi. Com as populações selvagens em sério declínio em todos os seis países no seu habitat nativo, esse papagaio está sob risco de extinção. O Wpt tem apoiado diversos estudos e projetos locais direcionados na proteção das populações remanescente, incluindo pesquisa sobre a ecologia da espécie, monitoramento de ninhos e pesquisas populacionais. Saiba mais na página 16.

|Editorial

Mensagem da Presidente

Se você quer saber mais sobre o que pode ser alcançado quando boas pessoas trabalham duro, leia essa edição da PsittaScene. Na Bolívia vemos o que foi alcançado para ajudar Araras azuis na extremidade de sua área de distribuição, e um update sobre os *Agapornis Lilian* no sul da África explica como estamos descobrindo mais sobre as ações necessárias para protegê-los.

Demos aos Papagaios do Congo e de Timneh muita atenção nesses últimos anos, ou de fato por décadas – tem sido uma viagem atribulada para essas maravilhosas e inteligentes aves. Nosso Diretor de Projetos na África, Dr. Rowan Martin, nos envia um update sobre o comércio e pesquisa.

Além disso, damos uma olhada nos Papagaio do Congo ao redor do Lago Vitória em Uganda, através da visão de Elaine Henley e Lori J DeLeo. Elas observaram o comportamento das aves selvagens, levando as suas observações de volta para beneficiar os psitacídeos de estimação no Reino Unido, EUA e além. E por último, estou muito contente com essa oportunidade de expressar nossa gratidão para todos que apoiaram a nossa campanha “Faça uma mudança pelos Psitacídeos”; fomos inundados pela sua generosidade. Aprendendo sobre e protegendo os psitacídeos somente pode acontecer por causa de pessoas boas que foram tão compreensivas. Obrigado!

Alison Hales
Presidente WPT

Reunião na África

Escrito por Rowan Martin

O Dr. Rowan Martin lidera o Programa de Conservação do Wpt África. Estabelecido em 2013, o programa trabalha com parceiros através da África para lidar com ameaças aos psitacídeos selvagens através de apoio à pesquisa, intervenções diretas de conservação, aumentando a conscientização e educação, e auxílio para psitacídeos confiscados do tráfico.

Trabalhando para o Wpt não há um momento desinteressante. Seja lidando com um veículo quebrado conforme a noite cai em um canto remoto do oeste da África, levantando caixas-ninho 30 metros acima em árvores gigantes, falando com representantes internacionais na reunião da CITES em Genebra, ou observando em espanto uma tela enquanto se pesquisa pelo comércio ilegal online, é impossível saber que desafio estará na próxima esquina.

Embora exista sempre mais para ser feito, sempre vale a pena tomar um tempo para refletir no que foi conseguido e planejar cuidadosamente onde podemos fazer a maior diferença no futuro. Aqui está uma coleção de nosso trabalho recente na África e onde nos focaremos em 2018.

WPT na ÁFRICA

Desde que o programa começou, o Wpt tem apoiado atividades em campo em toda a África:

- Apoio para o resgate e reabilitação de psitacídeos confiscados do tráfico.
- Iniciativas focadas nas comunidades locais para proteger locais chave de nidificação para os Papagaios de Timneh.
- Trabalho em campo pesquisando sobre o status dos Papagaios do Congo e Timneh.
- Investigações sobre a escala e natureza da captura e comércio de Papagaios do Congo.
- Educação comunitária e pesquisa de campo sobre os Papagaios do Cabo.
- Pesquisa de campo sobre o status e ameaças a Agapórnis na bacia do Zambezi e vigilância dos poços de água para impedir o envenenamento de Agapórnis Lillian.

Veja o infográfico em formato maior online: tinyurl.com/Timneh-poster

Protegendo os ameaçados Papagaios de Timneh no Oeste da África

Os Papagaios de Timneh (*Psittacus timneh*) foram reconhecidos como uma espécie distinta em 2012 – o seu menor tamanho, cauda mais sutil e bico cor mais clara os distingue dos seus primos Papagaios do Congo (*Psittacus erithacus*). Muito restritos a fragmentos florestais na região superior das Guiné no Oeste da África, eles foram recentemente declarados globalmente Ameaçados pela IUCN. Apesar de preocupações com seus declínios, muito pouco se conhece sobre o status das populações selvagens, ameaças ou aspectos básicos de sua ecologia – de fato, foi até mesmo impossível conseguir uma foto de um Timneh selvagem quando o programa começou.

O Wpt tem colaborado com parceiros na Guiné-Bissau desde 2013 para aumentar conhecimento sobre a espécie e engajar as comunidades locais na conservação. Pessoas que antes capturavam papagaios foram empregadas para ajudar a proteger os ninhos, monitorar as áreas de nidificação, e auxiliar com outras atividades tais como instalar ninhos artificiais. Estudar papagaios é raramente fácil e especialmente desafiador nas ilhas remotas do oeste da África, no entanto os esforços de uma equipe altamente dedicada deram frutos no começo desse ano, com a publicação do primeiro estudo da ecologia reprodutiva dos Papagaios de Timneh. Veja alguns dos achados da pesquisa no infográfico (mostrado à direita ©Daniel Lopes).

De maneira encorajadora, existem sinais de que a captura nos dois locais reprodutivos mais importantes, diminuiu. Os esforços direcionados aos povoados nesses locais e contínuo, com ênfase em inspirar melhor administração do habitat florestal e compartilhar os benefícios da conservação e maneira mais ampla dentro das comunidades. Em 2017, o Wpt começou a apoiar ovas iniciativas para os Papagaios de Timneh em Sierra Leone com Papagaios do Congo na Nigéria de modo a compreender o status das populações selvagens e identificar locais chave para conservação.

Citação: A mensagem agora é clara, “não existe comércio internacional legal com Papagaios do Congo capturados na natureza.”

Legenda: Um Papagaio de Timneh selvagem em um ninho na Guiné Bissau.

Terminando com o prejudicial comércio de psitacídeos capturados na natureza

2017 começou com uma nota positiva com os Papagaios do Congo e de Timneh sendo oficialmente colocados no Apêndice I da CITES (Convenção Internacional sobre o comércio de espécies ameaçadas de fauna e flora selvagem). Com essa ação o comércio legal internacional de Papagaios africanos capturados na natureza terminou. Isso foi um grande marco para a conservação de psitacídeos. Mais de 1.2 milhões de papagaios africanos foram relatados no comércio legal desde o começo dos anos 1980, com muitos mais morrendo antes da exportação ou traficados ilegalmente.

O anúncio feito pela República Democrática do Congo (DRC), Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos em tomar medidas reservadas para a listagem no Apêndice I causou algumas preocupações iniciais sobre quão efetiva seria para se proteger as populações chave na Bacia do Congo – sob as regras da convenção, moderações podem ser feitas por países que queriam continuar comercializando entre si. De maneira preocupante, isso poderia levar a que exportações da DRC, que age como um canal para comércio ilegal vindo de outros países, apesar de que uma suspensão pré-Apêndice I sobre exportações permanecia vigente (regras da CITES podem ser complicadas).

Seguindo a pressão internacional, e liderados por diversos países onde habitam os Papagaios africanos, pela União Européia e outros, os três países com reservas comprometeram-se em Novembro de 2017 a parar todo o comércio com Papagaios africanos. O papel do Wpt nesse processo foi o de conduzir pesquisa sobre a captura e comercio, conectar com parceiros na DRC, preparar

relatórios e publicações em periódicos internacionais, e viajar até as reuniões da CITES para garantir que as mais atualizadas informações fossem entregues para as pessoas certas.

Esses esforços valerem a pena e os buracos na lei que restavam estão agora fechados, proporcionando clareza muito bem-vinda pelas agências de aplicação de leis. A mensagem agora é clara, “Não existe comércio legal de Papagaios africanos capturados na natureza”. A listagem dos Papagaios do Congo e Timneh no Apêndice I da CITES não irá por si só terminar com o comércio dessas espécies na natureza, e é crítico que as agências de aplicação de leis sejam apoiadas na sua implementação.

A equipe de investigação do Wpt tem continuamente monitorado o comércio de Papagaios do Congo e Timneh e compartilhado a informação com autoridades da CITES e agências policiais de modo que possam tomar ações rápidas e decisivas. Em 2018, uma nova colaboração com a Proteção Mundial de Animais está aumentando a capacidade de fazer esse trabalho vital. Embora o tráfico continue uma grande preocupação, existem sinais de melhorias, com reduções vistas em alguns dos principais países importadores. Duas apreensões recentes de Papagaios do Congo no local de exportação na DRC e em trânsito para Istambul são muito encorajadoras – tal aplicação da lei é crítica para atraparalhar a rede de comércio.

Acabando com o comércio através do apoio a papagaios confiscados

Esforços para apoiar o cuidado de papagaios confiscados do comércio são essenciais para a estratégia do Wpt para terminar o tráfico ilegal. Ao proporcionar apoio em situações de emergência, e ao construir capacidade local para lidar com psitacídeos confiscados, nós somos capazes de liberar as agências policiais para continuar com o trabalho de parar traficantes, de modo que podemos estar seguros de que os psitacídeos recebem os cuidados que necessitam.

Em 2017, o Wpt apoiou trabalhos de resgate no Senegal, Libéria, DRC, Sierra Leone e Tanzânia, proporcionando apoio técnico e recursos de emergência onde necessários para construir recintos, proporcionar alimento e outros cuidados vitais. Em 2018, estamos animados de ser parte de um novo projeto em Angola, em parceria com o Governo de Angola, o Serviço de Pesca e Vida Selvagem dos EUA, e a Wildlife Impact para construir e proporcionar treinamento com a equipe local no cuidado de vida selvagem confiscada, incluindo Papagaios do Congo em Angola.

Compreendendo as ameaças afetando os Agapórnis do Sul da África

Os agapórnis de Lillian (*Agapornis lilianae*) são uma das duas espécies de agapórnis que estão restritas às florestas opone da bacia do Zambezi no Sul da África. Esse ecossistema único está sob ameaça, com árvores sendo convertidas como carvão, desmatadas para agricultura e madeira, assim como sendo impactadas por grandes herbívoros, incluindo elefantes. Em 2014, o Wpt começou a trabalhar com parceiros na Zâmbia e Malawi para determinar o status da espécie e compreender as ameaças às populações.

A Dra. Tiwonge Gawa, uma pesquisadora de Pós-doutorado na Universidade da Cidade do Cabo e ornitologista no Museu de Malawi, liderou diversas expedições, juntamente com a equipe de campo da Birdwatch Zâmbia, estudantes Zambianos e pesquisadores da Universidade de Edimburgo. Seguindo uma pausa, a Dra. Gawa tem estado trabalhando com o Dr. Hemant Tripathi, utilizando as mais modernas ferramentas estatísticas para analisar a massa de dados de campo de modo a compreender os requerimentos de habitat para os agapórnis, e determinar a sua distribuição atual e histórica.

Utilizando essas técnicas é possível identificar quais tipos de habitat são os mais (e menos) prejudiciais aos agapórnis Lillian e comunidades de aves em geral. Com pressões sobre esse habitat aumentando rapidamente, essa informação é vital para aqueles com poder de decisão procurando equilibrar o desenvolvimento econômico com a conservação. Olhando adiante, o Wpt estará trabalhando para garantir que o uso da terra é compatível com a conservação do agapórnis, e examinando maneiras em que os impactos negativos do desenvolvimento podem ser mitigados, tais como estabelecendo novas áreas de dormitório utilizando ninhos artificiais.

Legendas:

Acima: Veterinários David Grant (esquerda), Andrea Pizarro (centro) e Jorge Caro (direita) fazem exames de saúde nas aves resgatadas no Santuário de Chimpanzés Tacugama, Sierra Leone.

Abaixo: Agapórnis Lilian em uma cavidade de ninho, Zâmbia.

Ciência no WPT

Conduzir ciência de modo rigoroso é crítico para identificar maneiras de como melhor proteger psitacídeos selvagens, priorizar recursos e construir um consenso para estratégias de conservação. A pesquisa é, portanto, um pilar principal de nossa estratégia de conservação. As publicações recentes do Programa Wpt África incluem:

Martin, R. O. 2018. Grey areas: temporal and geographical dynamics of international trade of Grey and Timneh Parrots (*Psittacus erithacus* and *Psittacus timneh*) under CITES. *Emu - Austral Ornithology* 118, 113–125. doi:10.1080/01584197.2017.1369854

Martin, R. O. 2018. The wild bird trade and African parrots: past, present and future challenges. *Ostrich-Journal of African Ornithology*, 1–5. doi:10.2989/00306525.2017.1397787

Lopes, D. C., Martin, R. O., Henriques, M., Monteiro, H., Regalla, A., Tchantchalam, Q., et al. 2018. Nest-site characteristics and aspects of the breeding biology of the endangered Timneh Parrot *Psittacus timneh* in Guinea-Bissau. *Ostrich-Journal of African Ornithology*, 1–8. doi.org/10.2989/00306525.2017.1369467

Araras azuis: Conservação em um paraíso dos psitacídeos

Escrito por Willy Armin Montaña Villarroel

A Bolívia é um paraíso de psitacídeos. Com mais de 50 espécies – três delas endêmicas – o país orgulhosamente alberga uma das maiores coleções de psitacídeos no mundo. Infelizmente, um terço está ameaçado na natureza.

Entre todas as incríveis espécies de psitacídeos na Bolívia, existe uma que é virtualmente impossível não se apaixonar na primeira vez que as vê na natureza: A arara azul.

Na verdade, leva-se uma longa viagem até o leste da Bolívia para vê-las pela primeira vez. Foi um encontro inicial interessante. Viajamos em uma caravana com 4 outros carros SUV até a área protegida San Matías, passando bastante tempo desatolando uns aos outros na lama da estação chuvosa.

Chegamos até a vila San Fernando, no coração da área protegida, após um dia inteiro dirigindo. O prefeito da vila havia gentilmente nos dado um espaço na sua casa para nosso acampamento, então começamos a trabalhar arrumando nossas tendas. Lembro de estar tão cansado naquele dia que finalmente paramos e olhamos para cima.

E ali estavam elas

As araras azuis, acima no céu. Era 10:20 da noite, mas a lua estava cheia e brilhante, portanto podíamos vê-las se movendo quietamente entre os locais de nidificação. Difícil de esquecer tal experiência maravilhosa!

Araras azuis (*Anodorhynchus hyacinthinus*) se distribuem principalmente nos ecossistemas do cerrado e pantanal em três países: Brasil Paraguai e Bolívia. Brasil tem a maior população, Paraguai a menor. Uma espécie muito carismática, a arara azul tem chamado a atenção tanto de entusiastas e conservacionistas. É considerada vulnerável pela IUCN e na lista vermelha da Bolívia de vertebrados selvagens. Ameaças à sua sobrevivência incluem captura para o comércio de aves, e degradação do seu habitat.

Já ocorreram três projetos entre 2008 e 2011, um deles patrocinado pelo Wpt. O objetivo era compreender melhor o status da espécie e desenvolver atividades de conservação baseadas nos dados coletados. Em 2016, começamos uma iniciativa de conservação com essas aves, sob o nome de Proyecto Paraba Azul. O projeto, juntamente financiado com o Zoo Berlin e Wpt, envolve um variado grupo internacional e organizações locais com a mesma visão: apoiar a espécie com ações diretas de conservação no seu habitat natural. Área protegida San Matias, uma região rica em biodiversidade no departamento de Santa Cruz, Bolívia, tem a maior parte das araras azuis encontradas no país. Felizmente, os oficiais trabalhando para preservar estão mais do que interessados nessa iniciativa, apoiando o projeto tanto quanto podem.

O trabalho de campo foi iniciado em Junho no começo da estação seca. Tivemos a sorte de ter muita informação anteriormente publicada por outros pesquisadores incluindo trabalho feito pelo Wpt e Fundação Noel Kempff Mercado. Isso definitivamente fez as nossas vidas mais fáceis, mas ainda tínhamos conhecimento limitado sobre o status da população (abundância e tendências), e ecologia (reprodução, recrutamento, dispersão, mortalidade, preferências alimentares, uso de habitat).

Saber as respostas é muito importante para desenvolver melhores estratégias de conservação. E tão crucial, também queríamos começar a desenvolver uma relação com algumas das pessoas vivendo na área protegida. A conservação é sempre ligada a boas relações com os locais, já que interagem com a vida selvagem todos os dias. Nós precisamos de tempo para sentar e escutá-los porque eles eram os verdadeiros especialistas. Em somatória a isso, nós pesquisamos rotas de transepto dentro da área por carro, barco, cavalo e a pé.

A maior parte do parque é inacessível, portanto a área amostrada em nossas buscas tem um viés para acessibilidade por estrada, e, portanto, desenvolvida, um habitat cobrindo mais de 50.000 há em cada tipo de habitat: floresta seca, cerrado e pantanal. Descobrimos que as ameaças ao habitat eram muito similares ao que já havia sido relatado, com queimadas afetando as áreas secas, enquanto que o pantanal é muito mais protegido, cercado por áreas de pântano. Também descobrimos que as araras não gostam realmente de floresta seca fechada, portanto ficam nas bordas. Essas áreas são as mais fortemente degradadas por humanos.

Outro ponto chave de nosso trabalho foi nas buscas. Nós visitamos locais conhecidos de nidificação e dormitório, acessando 32 propriedades diferentes e comunidades nos lados norte e sul de San Matias. Relatamos 180 araras azuis, com 38 delas exibindo sinais de comportamento reprodutivo. Isso foi próximo no nível mais alto de 20% de reprodução relatado para araras em geral. Entre essas aves pareadas, encontramos somente três juvenis. Baseando-se em nossas observações, o nível de aves jovens sobrevivendo e sendo adicionadas à população não é alto. Não se sabe se a população aqui deciu nos últimos anos ou se as aves se mudaram para outras áreas. Também estudamos a disponibilidade de locais para nidificar e recursos alimentares. A maior parte das atividades reprodutivas estão no pantanal, e os números sugerem que existem locais suficientes para a população reprodutiva de araras azuis. Encontramos competidores pelos ninhos, falcões (*Micrastur semitorquatus*), abelhas africanizadas, (*Apis* sp.) e tucanos toco (*Ramphastos toco*), mas em geral os recursos estão disponíveis para as araras.

Dos quatro ninhos ativos que encontramos, confirmamos que um deles foi predado. Os outros três tiveram a saída dos juvenis com sucesso (um filhote para cada). Mais dados são necessários para determinar o que está afetando o sucesso reprodutivo da espécie, mas parece que essa é uma das áreas onde necessitamos intervir para aumentar o sucesso reprodutivo dos casais selvagens.

A dieta das aves consiste principalmente de polpa e semente de frutos de palmeiras, que são abundantes. As sementes são frequentemente encontradas no solo, e as araras forrageiam entre as vacas, cabras e ovelhas. É por vezes difícil acreditar que são araras, especialmente porque temos trabalhado com Araras de garganta azul por quase 10 anos e nunca as vimos no solo!

O último item que nos concentramos era determinar o quão extensivo o comércio de psitacídeos é na área, e também examinar a possibilidade de se desenvolver ecoturismo na área. Felizmente, o comércio não é um grande problema atualmente nesse local. Mas as pessoas da vila nos contaram histórias incríveis de que nos anos 90 comerciantes paraguaios vinham em aviões até as vilas para trocar ferramentas por filhotes de araras azuis, que eram transportadas para o Paraguai e provavelmente vendidas no comércio internacional.

Nos admiramos que alguns dos locais decidiram parar de comercializar as aves, já que estavam preocupados com o declínio da população na área. Adoramos escutar que essas pessoas estavam fazendo conservação muito antes que chegássemos ali! Também ficamos felizes em saber que estão muito interessados em ecoturismo focado nas araras azuis e na incrível biodiversidade dali.

Incrivelmente nunca houve ecoturismo ali. Que maravilha para os visitantes seria ver as araras azuis descansando nas árvores ao redor da praça central da vila como se estivessem em casa. Achemos que deve haver uma maneira de ajudar essas pessoas do vilarejo para realizarem esse sonho, e ajudar a proteger as araras também.

Esse trabalho foi uma ótima experiência para todos nós, e estamos ansiosos para a segunda estação reprodutiva em 2018, onde podemos realizar programas educacionais e treinamento para os guarda parques para ajudar com esse projeto. Essas atividades são importantes para garantir o médio e longo prazo da conservação da espécie.

Legendas:

Em sentido horário começando da esquerda superior: Um membro da equipe estuda uma cavidade de ninho. Acima à direita: Um único ovo de arara azul em uma cavidade. Meio e abaixo à direita: Sementes de palmeiras, os alimentos preferidos das araras azuis.

Projeto em destaque (Amazona auropalliata) Amazona de nuca amarela

Com as populações selvagens em sério declínio devido à captura e perda de habitat em todos os seis países em seu habitat nativo, o Amazona de nuca amarela está sob risco de extinção.

O World Parrot Trust tem estado apoiando uma série de estudos e projetos locais direcionados em proteger as populações remanescentes, incluindo pesquisa sobre a ecologia da espécie, monitoramento de ninhos, pesquisas populacionais, e educação ambiental e conscientização.

O Wpt recentemente ajudou na busca e pesquisa na Costa Rica, Honduras e Nicarágua, e um trabalho no México na reserva da Biosfera La Encrucijada para disseminar educação ambiental, monitorar as populações, e parar o tráfico. Na Costa Rica, existem planos de implementar o monitoramento dos Amazona ali e analisar a efetividade dos programas de soltura.

O Wpt também irá apoiar apreensões de aves capturadas, que serão reabilitadas e soltas de volta na natureza se possível. Qualquer ave incapaz de ser solta será mantida para um programa de reprodução. Um programa de soltura e conscientização comunitária será desenvolvido em localidades selecionadas na área de distribuição histórica da espécie, construindo apoio local para os papagaios.

Papagaios-do-Congo das Sseses

Escrito por Elaine Henley e Lori J. DeLeo

Referindo-se a Uganda como a “Jóia da África” é mais correto do que se pode imaginar. A variedade de paisagens – florestas tropicais, montanhas, lagos, savanas, são por si só magníficas. Quando se considera a extraordinária variedade de vida selvagem que chama de lar essa nação, pode-se ficar sem palavras para descrição.

Visitamos Uganda pela primeira vez em 2016, esperando observar Papagaios do Congo na natureza. Durante nossa visita, passamos diversos dias em uma das 84 ilhas que incluem as Ilhas Sseses na região noroeste do lago. Durante nossa visita tivemos o privilégio de observar pequenos grupos (de 4 a 9) de Papagaios do Congo forrageando nas árvores, socializando das árvores Musizi (*Maesopsis eminii* - uma árvore com madeira mais macia do que aquelas que escolhem para dormitório), e em uma tarde, tivemos a rara oportunidade de observar um casal de papagaios cruzando.

Querendo aprender o tanto quanto pudéssemos sobre as viagens dos Papagaios entre as ilhas e sua presença, se houvesse, nas vidas dos povos locais, nós alugamos um barco e viajamos até uma ilha próxima. Ali falamos com alguns locais que identificaram as árvores nas quais os papagaios se alimentavam e áreas da ilha onde faziam dormitório ao entardecer. O que aprendemos em 2016 nos inspirou a uma viagem retornando às Ilhas Sseses em Novembro de 2017 para observar os comportamentos dos Papagaios do Congo e entrevistar os habitantes das ilhas também.

Com o nosso retorno às Ilhas Ssesse, tentamos examinar as tendências nos padrões de vôo dos papagaios, ameaças à sua população, e seus comportamentos na natureza, para ajudar a melhor compreender as suas necessidades em cativeiro. Isso era o que esperávamos. O que não planejamos era que o conhecimento reunido através da observação de vida selvagem e conversas com os locais iria criar uma experiência muito mais rica e perturbadora do que havíamos imaginado. Enquanto saíamos para a Ssesse fomos surpreendidos pela sua beleza luxuriante, grupos amigáveis de barcos de pesca, e pequenas multidões de pessoas ansiosamente esperando a volta da pesca do dia para trazer para a praia e dentro do lar de famílias trabalhadoras.

Movendo mais adiante, nós observamos troncos de grandes árvores empilhadas em barcaças e em barcos, mas estávamos sem saber o que ainda iria vir, nem sabíamos que essa atividade era parte de uma estória mais longa. Mas, as aves e as pessoas tem suas próprias estórias para compartilhar.

Deixando os vilarejos, fomos surpreendidos pela abundância e variedade de árvores e vida selvagem. Mas logo os únicos vestígios do que havia sido uma vez uma densa floresta, eram acres de tocos de árvores e brotos de palmeiras se expandido por milhas e milhas de palmeiras. Esses milhares de palmeiras híbridas (cruzadas para resistir a doenças de variedades nativas da Costa do marfim e Costa Rica) dão grandes frutos abaixo das copas densas das árvores, completamente inacessíveis para a maior parte das aves selvagens. Neste momento, parecia que estávamos em uma área criada por humanos, mas servindo como o oposto de uma floresta natural.

Desse local no topo da ilha, o silêncio era ensurdecedor – nenhuma ave vocalizando podia ser escutada. Nós ficamos em silêncio tal como o ambiente que nos cercava; como se a tristeza tivesse roubado nossa capacidade de nos expressar de modo similar a que a indústria de palmeiras havia roubado o habitat da vida selvagem da ilha. Existem 1.061 espécies de aves em Uganda – e ainda assim, não vimos ou escutamos uma única ave. O habitat abundante e rico de tantas espécies – incluindo o papagaio do Congo – havia sumido no passado.

Conforme continuamos nossa viagem com o passar dos próximos dias, aproveitamos a oportunidade para estar entre as pessoas do local e entrevistar mais de 70 residentes da ilha. A maioria das pessoas de Uganda que encontramos – de gerentes de hotel até pescadores – expressavam-se entusiasticamente com orgulho pela vida selvagem, tanto da fauna e da flora da ilha.

Quando perguntados sobre o papagaio do Congo, muito frequentemente, os ugandenses expressavam a sua admiração e fascinação com o papagaio (chamado “Enkusu”) frequentemente notando a sua natureza brincalhona e imitando as suas vocalizações. Mas, eles também lamentavam que os bandos haviam diminuído com o passar do tempo. Não muito tempo atrás, os residentes diziam que os bandos de Papagaios reuniam centenas; no entanto hoje os bandos contam-se entre 2 a 30, e eles são raramente vistos a não ser quando se alimentam de certos frutos sazonais antes de voar para outras ilhas.

Muitas das pessoas falaram de maneira bastante aberta sobre como a indústria de óleo de dendê alardeou sobre os lucros que as palmeiras iriam trazer para as comunidades sob forma de dinheiro para as famílias que venderam ou arrendaram as suas fazendas para as companhias de óleo de dendê. No entanto, o que as famílias não perceberam foi como isso iria impactar a sua capacidade de cultivar alimentos básicos ou como iria afetar a vida selvagem que admiravam como parte de suas vidas diárias.

Nosso objetivo de observar os comportamentos naturais dos Papagaios do Congo na natureza foi melhor atingido num local chamado “Vila Enkusu”, a área de floresta de um complexo de hotel nas margens do Lago Vitória. Ali, pequenos bandos (12-16) de papagaios se reuniam a cada manhã antes de saírem voando em busca de comida.

As árvores favoritas para socializar incluíam a Enziru (*Pseudospondias microcarpa*) e Eucalipto (*Eucalyptus grandis*). Similar aos papagaios que observamos em 2016, esses papagaios escolheram visitar as árvores que não possuíam frutos e estavam localizadas perto dos alojamentos da equipe. Um fenômeno similar foi reportado por Tamungang et al (2013) na área central dos Camarões, que levantou a hipótese de que os Papagaios do Congo visitavam as vilas locais e, portanto, conseguiam a sua proteção.

A vila Enkusu estava explodindo de atividade conforme os Papagaios voavam de uma árvore para outra e faziam uma vocalização gritando uns com os outros quando pousavam em uma árvore. Então, no entanto, os papagaios ficavam quietos se humanos estavam em volta, exceto por aqueles vocalizando quando estavam saindo daquele árvore ou respondendo à vocalização de outro bando.

Na presença de humanos, os papagaios iriam ou ignorar e continuar com os comportamentos normais já relatados (compartilhar água bebendo de cavidades na árvore ou mastigar galhos para manutenção dos bicos e talvez por diversão – assim como fazem em cativeiro), ou sentar quietos e observar os humanos daquela posição. Quando relaxados, eles gastam uma grande parte do tempo se limpando e ocasionalmente uns aos outros do mesmo jeito que os papagaios em cativeiro ficam limpando seus cuidadores.

Frequentemente se acredita que a limpeza mútua entre psitacédeos é uma atividade compartilhada entre um casal formado somente, mas aprendemos que isso não é o caso, conforme observamos indivíduos de diversos grupos se limpando também. Também observamos que dois Papagaios frequentemente esfregam seus bicos uns com os outros com outro papagaio que se juntou com eles naquela árvore. Isso sugere que o roçar de bicos não é puramente sexual em sua natureza, mas também um comportamento afiliativo.

Na vila vizinha, vimos um ninho com um filhote dentro juntamente com uma fêmea que não deixou o ninho. Ao invés disso, o macho voou até o ninho e a alimentou – ela por sua vez, alimentou o filhote. Quando uma águia africana (*Aquila spilogaster*) pousou perto do ninho, a fêmea desapareceu dentro do ninho e não reemergiu por um tempo considerável até que a águia tivesse ido embora. Durante esse tempo, o macho e dois outros papagaios adultos ficaram quietos e parados nos galhos próximo da mesma árvore. De maneira similar, sempre nós víamos um papagaio juvenil, ao menos quatro papagaios adultos seguiam o jovem de galho em galho ou voavam por cima. Nossas observações levaram-nos a acreditar que são mais indivíduos do que somente os pais que cuidam da segurança do filhote.

Nessa região, ao contrário do que esperamos, a comida favorita dos papagaios não é o fruto de palmeira. Na verdade, observamos conforme eles escolhem comer oliveiras e frutos, mesmo quando os frutos de palmeira maduros estão facilmente disponíveis. Os alimentos preferidos vêm da árvore *Msasa* (*Brachystegia spiciformis*) e *Empafu* (*Canarium schweinfurthii*).

Observamos os papagaios atravessarem até outras ilhas no amanhecer e entardecer. Somente quando houve uma tempestade mais cedo é que seis papagaios ficaram para passar a noite e naquela noite, eles dormiram em três árvores Kiriundi separadas sob um bando de falcões. Isso foi surpreendente, já que se presumia que os papagaios passam a noite junto como um bando, separados de outras espécies, seja na mesma árvore ou próximos uns aos outros. Um dia aproveitamos a visita feita numa residência da ilha de um habitante chamado Benny, e ali conhecemos Cookie, uma papagaio de 40 anos de idade originalmente do Congo, que estava empoleirado em uma pequena árvore de mais ou menos 3 metros de altura onde uma gaiola está colocada. A porta da gaiola é aberta todos os dias e Cookie é liberta para ir e vir como quiser porque Benny acredita que Cookie pertence no final à natureza.

Alguns dias Cookie sai voando para forragear com Papagaios do Congo selvagens na área, enquanto que em outros as aves selvagens visitam Cookie. Ainda assim, quando os papagaios selvagens vão embora para outras áreas da ilha para pernoitar, Cookie não se une a eles, as aves selvagens frequentemente retornam Cookie para a sua “casa”.

Como podíamos ver, Cookie pode ser facilmente diferenciada de outros de sua espécie pelo seu dom de usar palavras humanas. Ironicamente, essa capacidade única de utilizar a linguagem humana – não simplesmente repetir, mas utilizar em um contexto – é uma das razões principais para que as populações de Papagaios do Congo seja traficada para o comércio de aves. Surpreendentemente, nós conhecemos e conversamos extensivamente com diversas pessoas que admitiram conhecer alguns indivíduos que estão envolvidos no tráfico de papagaios tanto no passado e no presente. Mas, compartilharam essa informação com relutância explicando que temiam retaliação dos traficantes cuja identidade pudesse ser revelada.

Um jovem nos deu um relato detalhado de como redes são colocadas sobre as árvores frutificando para capturar as aves enquanto se alimentam, e ele proporcionou uma vívida e visceral descrição de como as aves gritavam conforme eram capturadas nas redes. Nosso guia bastante experiente, Johnny Kamugisha, é um observador de aves de longa data que é apaixonado por proteger as aves de Uganda. Sua paixão e visão eram evidentes conforme escutávamos ele conversar com esse jovem e outros sobre como o ter orgulho e proteger a vida selvagem se traduz em benefícios para as comunidades através do ecoturismo.

Agora devemos nos perguntar o que podemos fazer para preservar e proteger o que resta do habitat dos papagaios e continuar a estudar os seus comportamentos de modo a proporcionar a melhor vida para aqueles já em cativeiro. Os autores irão retornar a Uganda para continuar a estudar os comportamentos e trabalhar nessas questões múltiplas através do engajamento das pessoas e melhor a compreensão sobre os habitantes, a vida selvagem, e paisagem do qual fazem parte.

Sobre os autores

Elaine Henley P.G.Dip CABC, é membro da APBC, uma comportamentalista clínica de animais registrada, e certificada como consultora de comportamento de psitacídeos IAABC. Apaixonada pela conservação de Papagaios do Congo, ela tem dedicado o seu tempo livre para aprender mais sobre o comportamento dos papagaios selvagens utilizando essa informação para auxiliar os cuidadores de psitacídeos em cativeiro.

Lori J. DeLeo, MAT, LMFT, é uma psicoterapeuta e professora adjunta. Lori emprega as suas habilidades interpessoais e terapêuticas para conectar com pessoas, compartilhando a sua conexão com a vida selvagem ao mesmo tempo que educa outros com o seu conhecimento pessoal obtido através da manutenção de psitacídeos e viajando para observar seus comportamentos naturais.

Psitta|News Updates

Restauração da Floresta seca de Bonaire continua

O Papagaio das Ilhas Margarita (*Amazona barbadensis*) e outros animais selvagens irão se beneficiar da última rodada de plantação de árvores na Ilha de Bonaire. Echo, um parceiro do Wpt comprometido com a proteção do papagaio, recentemente completou a difícil tarefa, com ajuda de 155 voluntários, de plantar 5.000 árvores em 5 áreas diferentes protegidas durante a estação chuvosa da ilha. O evento foi parte do projeto de reabilitação do vale Roi Sango, com a contribuição do programa BEST

1.0 patrocinado pela União Européia. Vinte e seis hectares estão agora protegidos por cercas contra herbívoros invasores tais como cabras e burros.

Leia mais: <http://www.echobonaire.org/>

Notícias

Ilhas livres de predadores não são suficientes para a conservação do Periquito Swift

As ilhas livres de predadores eram consideradas serem a solução para salvar o criticamente ameaçado Periquito Swift (*Lathamus discolor*), mas uma pesquisa revelou que os esforços no continente também são necessários. O novo estudo mostra que as aves são nômades, portanto o isolamento não garante proteção. Existe somente uma população de periquitos espalhados pela Tasmânia e nas ilhas próximas da costa, com as aves se movendo para e de volta entre essas áreas.

Isso destaca a necessidade para aumento nas ações de conservação, já que os periquitos são particularmente vulneráveis à predação pelos Sugar Glider introduzidos e outras espécies invasoras.

Leia mais: tinyurl.com/yc9dq2zn

Psitacídeos na natureza:(*Pyrrhuloxia pyrrhuloxia*)

O pouco conhecido e raramente fotografado *Pyrrhuloxia pyrrhuloxia* é encontrado nas terras baixas úmidas e florestas de montanha baixas em partes da América Central e norte da América do Sul. Esses psitacídeos são frequentemente vistos no alto da copa das árvores em pequenos e animados bandos, vocalizando bastante uns com os outros. Essas aves esplêndidas tem observado o seu habitat ser perdido com o passar de muitas décadas. O desmatamento e fragmentação florestal sendo mais destrutivos durante o século 20.

Foto © Murray Cooper Wildlife Photography